



O recurso brutalista

HISTÓRIA Há cem anos, a militante Mary Richardson atacava um nu de Velázquez em nome do movimento sufragista inglês

POR NATHALIA LAVIGNE, DE LONDRES

MARY RICHARDSON planejou visitar a National Gallery numa manhã de terça-feira. Era um dia da semana com entrada gratuita, quando os museus de Londres começavam a adotar a prática, e a movimentação nos corredores parecia suficiente para distrair os vigias disfarçados. No início da tarde, quando muitos saíram para o almoço, Richardson deu início ao ataque: com um cutelo de carne escondido na manga da blusa, quebrou o vidro e golpeou ao menos seis vezes a tela que havia sido doada ao museu oito anos antes. Era uma das mais famosas pinturas de Diego Velázquez, *Vênus ao Espelho*, único nu pintado pelo artista espanhol que sobreviveu à Inquisição da Igreja Católica no país.

O episódio aconteceu em 10 de março de 1914, quatro meses antes do início da Primeira Guerra Mundial. A responsável pelo ataque era uma das *suffragettes*, como ficou conhecido o grupo que lutou pelo direito ao voto feminino no Reino Unido, no início do século passado. A batalha começou ainda no fim do século XIX, ganhou força a partir de 1903, quando foi criado o Women's Social and Political Union (WSPU), e durou até 1918, ano em que o sufrágio foi finalmente estendido às

mulheres a partir de 30 anos (o Reino Unido foi o primeiro lugar da Europa a aprovar a lei). Entre 1912 e 1914, a militância das sufragistas passou a envolver práticas mais violentas. Os ataques aos museus, especialmente às obras que representavam a figura feminina, tornaram-se frequentes.

“Esses atos começaram em 1909, mas se intensificaram em 1912 e tiveram uma conclusão muito violenta em 1914, até o início da Guerra. O assunto ganhou a atenção da mídia mundial”, diz a *CartaCapital* a historiadora Diane Atkinson, autora de *Suffragettes – The Purple White & Green: London 1906-1914* (Museum of London) e *Votes for Women* (Cambridge University Press). Além dos museus, igrejas também eram alvo frequente, ambos espaços de patrimônio público cercados por uma ideia de autoridade, onde qualquer protesto teria grande repercussão. Só naquele

Ao danificar a tela “mais bela”, a ativista buscava chamar atenção sobre “o mais belo personagem”

le ano, cerca de 150 atos desse tipo foram contabilizados pela imprensa inglesa. Os ataques das *suffragettes* foram explorados por uma ampla exposição na Tate Britain, no fim do ano passado, que discutia a destruição de obras de arte na Inglaterra do século XVI até o período contemporâneo.

Tema de uma vasta bibliografia no país, a história do grupo vai ser contada também no cinema, no ano que vem. Com roteiro de Abi Morgan (*A Dama de Ferro*) e protagonizado por Meryl Streep, o filme *Suffragette* volta-se para a trajetória de Emmeline Pankhurst, fundadora do WSPU e uma das principais líderes da vertente mais radical do movimento, ao lado das filhas Sylvia e Christabel Pankhurst. Previsto para estreiar em janeiro de 2015, o longa vai ter cenas gravadas no Parlamento Britânico e será o primeiro com autorização para ser filmado no interior do histórico Palácio de Westminster, em Londres.

Emmeline não teve qualquer envolvimento com o episódio da National Gallery, mas, segundo justificou Richardson, seu ato seria uma forma de protesto pela prisão da ativista. Naquele ano, ela e a filha Sylvia foram detidas diversas vezes. Nas prisões, aderiam à greve de fome, às vezes estendida também a líquidos, até o limite da sobrevivência. “Tentei destruir a pintura da mulher mais bela da história da mitologia, como protesto contra o governo, por estar acabando com (*Emmeline*) Pankhurst, que é o mais belo personagem da história moderna”, declarou Richardson em uma entrevista ao *The Times* no dia seguinte. Na realidade, o ato unia duas formas de protesto: a retaliação pela prisão de Emmeline e uma crítica à maneira como as mulheres eram representadas em obras de arte, tema até hoje abordado por teóricas feministas como as do coletivo americano Guerrilla Girls. Outra justificativa controversa era de que atos como esse valorizavam a obra ataca-

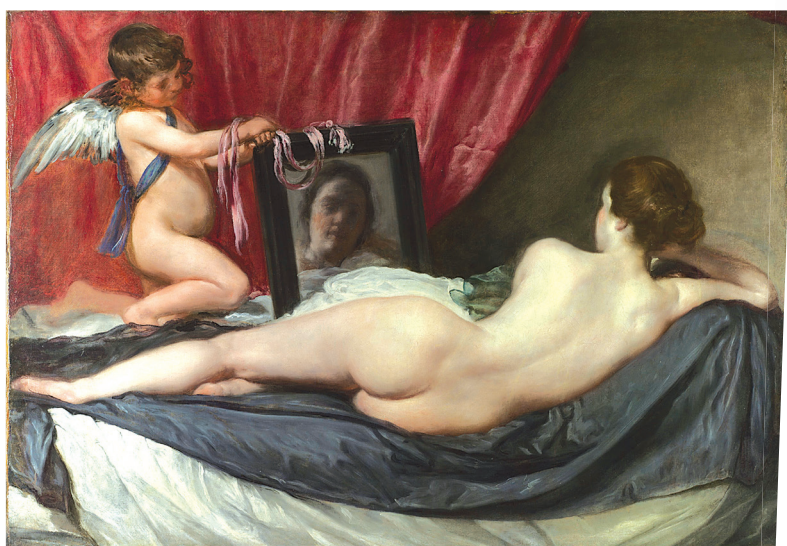
FOTOS: MUSEUM OF LONDON E THE NATIONAL GALLERY/LONDON





“A fidelidade que se nota na maioria dos homens é só uma invenção do amor-próprio para atrair a confiança. É um meio de nos fazer superiores aos outros e depositários das coisas mais importantes”

LAROCHEFOUCAULD
(Em *Reflexões ou Sentenças e Máximas Morais*, Editoras Penguin & Companhia das Letras)



A marcha das mulheres. A ativista Mary Richardson (no alto) é levada pela polícia em 1914 após danificar *Vênus ao Espelho* em protesto contra a prisão da feminista Emmeline Pankhurst (ao lado)

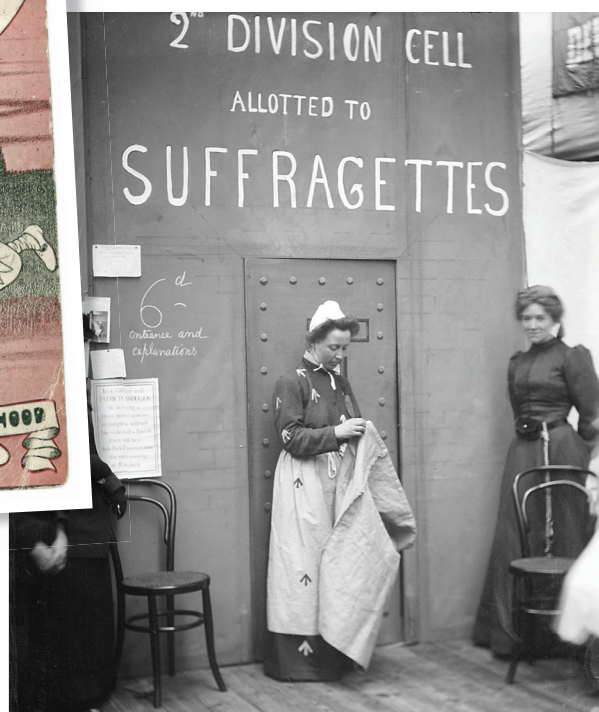


Plural



Conquistar mentes.

O cartaz da campanha contrária ao voto feminino e a simulação da prisão de sufragistas em feira de 1909



da: “Essa pintura terá um valor agregado e um interesse histórico, pois ganhou a atenção de uma *suffragette*”, escreveu a sufragista Annie Hunt, em julho de 1914.

Nem sempre as pinturas escolhidas como alvo retratavam mulheres. Em maio do mesmo ano, Mary Wood retalhou com três golpes um retrato do escritor Henry James na noite de inauguração da Royal Academy of Arts. Mas o ataque ao quadro de Velázquez teve consequências mais graves. Comprometeu a superfície da pintura, causou uma desvalorização de 15 mil libras e provocou o fechamento da National Gallery e de outros museus nacionais de Londres, como a Tate, a National Portrait Gallery e a Wallace Collection por duas semanas. A visita só era permitida a estudantes com cartas de recomendação das universidades. Um folheto com o nome e a foto das principais militantes sufragistas passou a ser distribuído às instituições. Um ano antes, após o primeiro ataque a uma galeria na cidade de Manchester, chegou-se a cogitar a proibição da entrada de mulheres em museus no país inteiro.

Diane Atkinson acredita que o grupo mais radical do WSPU tomou a decisão correta ao atacar os museus. “Às vezes, é preciso adotar atitudes extremas. A campanha durava anos e elas estavam cansadas da maneira como o governo se recusava a aceitar o direito básico ao voto. Claro que essas ações tornaram as *suffragettes* antipopulares, mas certamente elas conseguiram colocar o assunto do voto feminino no topo da agenda política da época”, argumenta. E resalta sua importância na história do movimento feminista, em cuja prática o recente coletivo Pussy Riot teria se inspirado.

Os historiadores divergem sobre o acerto de um tipo de ação que hoje inspira grupos como o Pussy Riot

A historiadora Elizabeth Crawford, autora de *The Women's Suffrage Movement: a Reference Guide* (Routledge) e *Campaigning for the Vote: Kate Parry Frye's Suffrage Diary* (Francis Boutle Publishers), lançados no ano passado, crê, no entanto, que o movimento só enfraqueceu depois dessas práticas. “Eram atos muito extremos, além do aceitável. Mesmo as mulheres que apoiavam a causa se opuseram à ideia de destruir obras de arte. O direito ao voto certamente não foi conquistado por essas atitudes.” Elembra de uma informação curiosa: a pintura do Velázquez foi a primeira obra a entrar para a coleção da National Gallery por meio da National Art Collections Fund, fundação criada em 1903 para ajudar a trazer obras de arte ao país. Entre os fundadores estava a artista Christiana Herringham, integrante da campanha pelo sufrágio às mulheres. “Mary Richardson não tinha ideia de que ela estava destruindo o trabalho de outra companheira de movimento.”

Anos depois da luta pelo direito ao voto às mulheres, Richardson integrou o partido fascista na Inglaterra. Em 1953, a ex-sufragista lançou a autobiografia *Laugh a Defiance* (Weidenfeld & Nicolson), em que reforça sua trajetória como militante política. “Não sei até que ponto Mary Richardson é uma testemunha muito confiável. Ela escreveu sua autobiografia no fim da vida, necessitada de dinheiro, e sua versão dos fatos é um pouco dramatizada”, pondera Crawford.

A tela de Velázquez, restaurada logo após o ataque, não parece guardar sinais de uma história tão conturbada. Um século depois do ataque, a obra parece intacta e é exibida sem nenhum cuidado extraordinário na sala 30 da National Gallery. Mesmo assim, o museu hesita em divulgar a foto da tela retalhada e não se estende sobre o episódio, sob a justificativa de não incentivar atos parecidos. Ao que parece, Mary Richardson deixou alguma marca na pintura de Velázquez, visível ou não. •